

Resenha

Jornalismo Móvel (e-book)¹

(Fernando Firmino da Silva. Salvador: EDUFBA. Coleção Cibercultura: 2015)

William Robson CORDEIRO²

Na era do jornalismo convergente, o livro do professor Fernando Firmino da Silva, “Jornalismo Móvel” (2015), se propõe a colocar em evidência um tema que ganha uma força maior quando se fala no aspecto de um tecnodeterminismo socialmente impregnado, uma difusão de técnicas em todos os campos sociais e que inclui uma forma nova de produção e de consumo de produtos jornalísticos. Quando Silva trata do jornalismo móvel, não se limita a aspectos de sua produção, até porque o jornalismo é “móvel” há bastante tempo (de início nos anos 50 e 70), no que tange ao uso de equipamentos de transmissão seja no rádio, televisão e até mesmo nas “tecnologias” como o a caneta e o bloco de papel. Mas, a denominação estabelece uma maior abrangência, ao contemplar a forma de distribuir e consumir notícia a partir dos dispositivos móveis, como *tablets*, *smartphones* e os *e-readers*.

Este ponto fortalece uma conexão entre desenvolvimento técnico e práticas sociais, relação atrelada diretamente com o aparecimento destas tecnologias de informação e comunicação, o que, de certa forma, expõe a importância desta pesquisa, potencializada pelo aumento de usuários com dispositivos e conexões. O livro permeia pela produção jornalística a partir de levantamento empírico em empresas jornalísticas tradicionais (*Extra*, *NE10*, *Zero Hora*, *O Globo*) e novos modelos de difusão de conteúdo (*Mídia Ninja*). E, considerando a pesquisa, Silva esclarece que o jornalismo móvel, embora praticado há tempos (repórter transportando objetos de transmissão), tem uma característica específica na era digital, além da mobilidade na coleta de dados: a ubiquidade e a portabilidade.

¹Disponível em <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/18003>

²Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (POSJOR/UFSC). Integrante do Núcleo de Estudos e Produção Hiperídia Aplicados ao Jornalismo — NEPHI-Jor. Email: williamdefato@gmail.com

O livro mostra que a mobilidade passa por transformações em sua configuração tanto no aspecto físico (no trabalho de reportagem) quanto ao que ele conceitua de “mobilidade informacional”, que trata de aspectos da logística da informação, através das redes e dos computadores portáteis. Do outro lado da ponta, estão os consumidores que na era da convergência são impelidos à uma nova cultura (ou cibercultura), onde o técnico e o social são inseparáveis, e onde o consumo de informação e material jornalístico via dispositivos móveis se acentua.

Seguindo inicialmente estas frentes, o livro *Jornalismo Móvel* esclarece que o conceito advém de um termo de 2005 empregado no trabalho dos repórteres do jornal americano *GannetNewspaper*, denominado MOJO ou a abreviação de *mobile journalist* e que há uma relação forte aos tempos atuais devido à nova forma de produção jornalística que se baseia também nos dispositivos consumidos pelo público. Ou seja, há uma nova dinâmica que se estabelece no jornalismo convergente, em que a informação poderá ser consumida a partir de recursos mais poderosos e em tempo real. Daí, Silva aponta que o fato dos dispositivos com interfaces esteticamente agradáveis e telas *touchscreen* abre possibilidade de obter informação jornalística de maneiras diversas e em menor espaço de tempo. E, assim, também oferece esta possibilidade de recurso para a produção jornalística, já que o autor sugere existir oportunidade de “transmissão ao vivo utilizando-se *smartphones* e aplicativos de *streaming* de áudio e vídeo (transmissão de dados por internet)” (SILVA, 2015, p.10).

As condições para a efetivação do jornalismo móvel digital, termo que Silva adota para melhor abarcar o seu campo de estudo, está na ideia de uma redação descentralizada, com lógicas diferentes do praticado no antigo modelo das empresas jornalísticas. Trata-se de uma forma de produção que se coloca distante do ambiente geográfico da redação tradicional e se reveste de infraestrutura própria, como transmissões em 3G, 4G e *Bluetooth* atreladas aos dispositivos móveis (computadores portáteis, gravadores, celulares e câmeras digitais). Vale frisar que muitos destes aparatos vão se congregando e confluindo para um mesmo equipamento, que pode oferecer estes recursos, como os *smartphones* e os *tablets*, o que tão somente expõem a dinamicidade e as possibilidades que constantemente se abrem neste campo do jornalismo móvel digital. A formação de uma redação descentralizada não se coloca aqui pelo autor como algo específico da mídia tradicional, mas, enaltece a partir daí o

seu protagonismo também na chamada “mídia cidadã”, que passa a recorrer à estrutura de transmissão de conteúdo – que, no atual contexto, são dispositivos de custo baixo e de alta mobilidade.

Silva divide o cenário favorável ao jornalismo móvel em três aspectos, como a “expansão da mobilidade através das tecnologias móveis”, que gera diferenciada relação entre o jornalista e as formas de apuração e transmissão de conteúdo; a “geolocalização para as notícias”, através de recursos de GPS, que sinalizam o lugar da emissão da informação; e, finalmente, a “mobilidade do consumidor de informações”, desde que se demonstrou com novas demandas de consumo, o que instiga a produção jornalística em geral e cidadã. O autor institui estes pontos no denominado contexto “pós-PC”, a emergência dos dispositivos móveis, a cultura dos aplicativos e do armazenamento em nuvem, feições que tipificam um “ecossistema” móvel.

Ao tratar de ecossistema, Silva expõe um momento de transformação jornalística permanente com o incremento de novos meios e tecnologias, transformação que gera convergência, experiências e fenômenos que vão além de um único meio, mantendo relações com outros, o que lembra pontos apresentados por Scolari (2010) ao conceituar as “dinâmicas transmidiáticas”. Neste caso, especificamente, há um apanhado tecnológico – como um kit de equipamentos e acessórios, além da estrutura de transmissão – que se coloca à serviço do jornalismo.

Considera-se que todo este agrupamento tecnológico enquadra-se na “era Pós-PC”, que Silva explica na página 23, ao abordar a tecnologia como fenômeno de ubiquidade e a nuvem de conexão. Embora se falava sobre estes pontos no final dos anos 80, o autor vê maior consistência a partir de 2010 com o lançamento do *tablet* da Apple, o *Ipad* e os serviços de conteúdo em nuvem (e sua sincronização com os dispositivos) e dos aplicativos. A partir daí, esta essência do avanço tecnológico da era Pós-PC ganha maior corpo, com tecnologias em nuvem aperfeiçoadas e novos modelos similares que surgem a partir daí.

Esta infraestrutura, Pós-PC, tende a beneficiar e fortalecer o trabalho jornalístico e o desempenho do denominado “repórter móvel”. A obra fragmenta esta perspectiva em fatores técnicos que favorecem o trabalho de campo do jornalista e que perpassam pelas redes de alta velocidade (como as atuais 4G), os equipamentos portáteis, que incorporam uma série de ferramentas que facilitam o deslocamento (como os

smarphones e *tablets*), os serviços em nuvem que auxiliam tanto na coleta quanto na distribuição de informação e, por fim, o acesso remoto a banco de dados. Ou seja, são características que tornam o repórter móvel, de certa forma, autônomo da estrutura da redação tradicional.

Esta cultura estabelece a pesquisa constante no livro, a ponto de demarcar as mudanças e as inovações apresentadas a partir de estudo de casos no contexto do jornalismo móvel, bem como de analisar as formas de coleta de informação, desafios a partir do uso destas tecnologias (como a ascensão do repórter “multitarefa” ou “polivalente”) e a materialização deste trabalho nas iniciativas próprias para *tablets* (como no *Estadão Noite*, *Diário do Nordeste Plus* e *O Globo a Mais*). Para a pesquisa empírica, o livro analisa a experiência dos casos:

- **O EXTRA (RJ):** O periódico é apresentado a partir da prática de jornalismo móvel que resultou no “Repórter 3G ou Repórter 4G”. O repórter se aparelha de equipamentos de fácil mobilidade, como *notebook* e *smartphone*, recebe notificações via *WhatsApp*, faz o levantamento no local do acontecimento, produz o material sem a necessidade de voltar à redação. Silva explica que a experiência de *O Extra* gera uma relação “mais interativa com o público” (2015, p.29), diante do percurso que estes repórteres digitais fazem pelos bairros da cidade.

- **NE10/JC ONLINE (PE):** “Notícia Celular” foi o projeto inicial de *mobile journalism* pelo *Jornal do Commercio* que partiu com o uso do celular Nokia N95. Este modelo de celular se tornou emblemático na produção de jornalismo *online*, no estilo de gerar vídeo e fotos para os canais *online* ou da mídia tradicional. A investida serviu para a publicização de *hard news* (as notícias mais quentes do dia) e de coberturas como os carnavais do final da década passada. Em seguida, o jornal aderiu ao aplicativo ComuniQ, que ampliou o canal de conversação entre os leitores e o periódico. Os leitores utilizavam o aplicativo para enviar denúncias e informações sobre problemas no bairro, por exemplo.

- **MÍDIAS NINJA:** O modelo de jornalismo móvel desenvolvido pela Mídia Ninja inovou em dois aspectos importantes: o primeiro advém da transformação do *smartphone* em equipamento para transmissões ao vivo via *streaming* dos acontecimentos (o que, especificamente, foram os protestos de junho de 2013 no Brasil). Em seguida, fora do contexto dos conglomerados midiáticos, oferece uma

narrativa jornalística participativa. Silva mostra que a prática da Mídia Ninja estimulou outros veículos de informação a utilizar da mesma estratégia, com fins de driblar o impedimento dos manifestantes.

• **RBS/ZERO HORA (RS):** O caso do *Zero Hora* mantém conexão com pontos denominado de jornalismo “locativo” ou “hiperlocal”, em que a notícia tem ênfase no contexto do local de sua produção. Para tanto, o jornalismo móvel é imprescindível, diante da utilização de *smartphones* e GPS, que garantem a efetivação da proposta. O jornal iniciou o experimento em 2009, o projeto LocastPOA, com publicação de noticiário de Porto Alegre produzidos do local do acontecimento. O material era identificado em um mapa de geolocalização e transmissões ao vivo.

• **O GLOBO A MAIS (RJ):** O autor trabalha o conceito de “produtos autóctones”, os elaborados especialmente para *tablets* e *smartphones*, apropriando-se de suas características. Para isso, analisa os jornais desenvolvidos para *Ipad* *O Globo A Mais*, *Estadão Noite e Diário do Nordeste Plus*, embora foque sua atenção em *O Globo A Mais*, para detalhar a experiência da pesquisa. O jornal surgiu de uma proposta que intentava utilizar os recursos do *Ipad* e oferecer diferenciações de conteúdo em relação ao simples modelo de transposição da edição impressa em versão PDF. Segundo Silva, trata-se de um investimento em “narrativas que adentrem os recursos disponíveis para esta interface como o uso de acelerômetro, imagens em 3D e interatividade tátil” (2015, p.38), sem contar um nova forma de negócio a ser oferecido pelas Organizações Globo. No entanto, deixou de circular em 15 de maio de 2015.

Após as análises, Silva levanta questionamentos sobre a prática do jornalismo móvel, sobretudo com a forma de como lidar com as novas tecnologias que surgem, incidindo na natureza dos dispositivos, numa perspectiva apontada por Bruno Latoure a Teoria do Ator-rede, que consiste na derrubada de separações historicamente construídas em circunstâncias até mesmo científicas que estabeleceram dois mundos: o das coisas e o dos homens. O autor ainda discute os limites éticos dos usos das tecnologias no jornalismo, como a incorporação de *drones* e das “tecnologias vestíveis” como o *Google Glass*. O seu uso estaria enquadrado dentro de uma perspectiva invasiva da privacidade dos indivíduos, com uso de câmeras escondidas?

Outro questionamento importante leva em conta o labor jornalístico e até onde a produção multitarefa pode significar a qualidade do material jornalístico, implicando na

necessidade de domínio do jornalista de várias técnicas oferecidas pelos dispositivos móveis. Silva (2015, p.40) mostra preocupação também com o rigor na apuração, que pode comprometer um “percurso adequado”. E ainda sugere um olhar sobre os repórteres que atuam fora do ambiente da redação na prática do jornalismo móvel. E conclui:

Esta vertente considera uma nova gramática para o jornalismo móvel e, de forma complementar, reforça as novas narrativas para e de plataformas móveis e os modelos de negócios envolvendo a relação intrínseca entre jornalismo e mobilidade. As problematizações que cercam a questão não são esclarecidas em sua totalidade nesta obra pelo espaço reduzido utilizado e o caráter introdutório do tema. No entanto, o horizonte aberto a partir de toda esta discussão, certamente, contribuirá para a continuação do debate sobre a mobilidade no jornalismo (SILVA, 2015, p.46)

Referência

SCOLARI, Carlos A. Hipermediaciones (o cómo estudiar la comunicación sin quedar embobados frente a la última tecnología de California) - Entrevista a Damián Fraticelli. Revista Lis - Letra Imagen Sonido - Ciudad mediatizada. Año III # 5. mar-Jun. 2010. Bs. as. uBaCyt. Cs. de La ComuniCaCión. FCs/uBa, p. 3-11.